

Uns bezerritos bebem lentamente na tranqüila levada do moinho. Perpassa nos seus olhos, vagamente, a sombra duma alma cor do linho!

Juntos deles um par. Naturalmente namorados ou noivos. De mansinho soltam frases d'amor... e docemente uma criança canta no caminho!

Um trecho de paisagem campesina, uma tela suave, pequenina, um pedaço de terra sem igual!

Oh, abre-me em teu seio a sepultura, minha terra d'amor e de ventura, ó meu amado e lindo Portugal!

Paisagem

Florbela Espanca, A mensageira das violetas, Antologia: Seleção e Edição de Sérgio Faraco, L&PM Editores, 1997 – <http://www.estantevirtual.com.br>
Gentileza de Cincinato (Nato) Palmas Azevedo

Foi naquela procissão
que tu ficaste ao meu lado,
te pedi, em oração,
Deus me ouviu, estou casado
Alfredo Barbieri, 1101 Trinos
do Pitiguar: R.Guanabara 542
59014-180 – Natal/RN

Velho também tem querer,
será que ninguém entende?
Pois é preciso entender,
respeito demais ofende.
Argemira F. Marcondes, 1502
Trevo na Trova: UBT
Seção de Taubaté/SP

Irrequieto o molecote,
um jeitinho turbulento,
parece um mini-quixote
perseguindo um catavento.
Dorothy Jansson Moretti, 0801
Fanal: R. Álvares Machado 22, 2º
01501-030 – São Paulo/SP

A noite empalidece: alvorecer...
Ouve-se mais o gargalhar da fonte...
Sobre a cidade muda, o horizonte
é uma orquídea estranha a florescer.

Há andorinhas prontas a dizer
a missa d'alma, mal o sol desponte.
Gritos de galos soam monte em monte
numa intensa alegria de viver.

Passos ao longe... um vulto que se esvai...
Em cada sombra Colombina trai...
Anda o silêncio em volta a q' ter falar...

E o luar que desmaia, macerado,
lembra, pálido, tonto, esfarrapado,
um Pierrô, todo branco a soluçar...

Alvorecer

Era uma flor desfolhada
numa estrada a percorrer,
e a gota d'água dourada
fez o lírio renascer.
Lília Stein G. de Souza, 1406 A Voz
da Poesia: Rua dos Bogaris 183
04047-020 – São Paulo/SP

Uma jangada sou, a esmo
por estas águas sem fim,
buscando para mim mesmo
um porto dentro de mim!
Rejane C. Barros, 1001 Binóculo
ivomildodias@secrel.com.br
jbatista@unifor.br

1. Preencher os haikus que desejar, (veja quigos ao lado, à escolha) num mínimo de folhas **para cada grupo**, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, **endereço e CEP** do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. À medida que cheguem seus haikus, feitos conforme acima, serão publicados em nossas Seleções em Folha.

✧ **Paulo Franchetti:** O haiku é menos uma questão de forma do que de atitude. No Brasil, sua métrica 5-7-5 é artificial. O exercício de sua prática é duplo. Por um lado, é um exercício de alteridade: tentar ver o mundo de um ponto de vista externo à nossa tradição internalizada. Por outro, é um caminho, um jeito de ser, uma atitude frente à vida.

PRÁTIQUE NESTAS SELEÇÕES!

FAÇA E ENVIE SEUS HAICUS!

Até o dia **30.08.15**, quigos Beija-flor, Bem-te-vi, Catavento, Girino, Granizo, Ipê, Névoa, Pipa, Rã..

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap. 82,
05010-040 - São Paulo, SP.

0 ou mfinendez@superig.com.br

Por isso não gosto de haikus especiosos, em que a metáfora ou jogo de palavras ou os conceitos fiquem centro da atenção. O essencial é o registro limpo de uma sensação ou percepção. Isso é o que acho que o haiku tem de diferente. Creio que com isso

ele pode contribuir, trazendo algo novo para a nossa tradição.

Se é verdade que uma criança de dez anos podia produzir mais facilmente um haiku do que um erudito, Bashô queria *recuperar* seu olhar num contexto de erudição e de formalidade: quando escreveu que as rãs pulam para dentro do lago e fazem barulho, renunciou a todo tipo de reflexão e de investimento simbólico – a um conjunto de atitudes. Seu hocu inaugura uma nova maneira não exatamente pelo que diz, mas pelo que deixa de dizer, pelo que se recusa a continuar dizendo.

Leia este texto completo em **Seleções em Folha OUT/98, SF9810**.

Várias lagartixas
tocaiam, se movimentam.
Insetos abundam.
Ailson Cardoso de Oliveira

Sobre o caracol,
a lua derrama o brilho.
Caramujo à vista..
Analice Feitoza de Lima

Olhando a janela
criançada encantada.
Granizo lá fora.
Cecy Tupinambá Ulhôa

Hortênsias em cachos
nos lençóis e no jardim.
Profusão de azuis.
Darly O. Barros

Jardim bem tratado.
Um canteiro de gardênias:
perfume no ar.
Djalda Winter Santos

Casinha ambulante,
caracol e sua lesma.
Trilha prateada.
Fernando Vasconcelos

Um manto divino
tecido em azul e branco.
Hortênsia e Petrópolis.
Hermoclydes Siqueira Franco

QUIDAIIS DE VERÃO



TEMAS DE VERÃO

HAICUS BRASILE



IROS EM FOLHA

Tarde de verão.
A melancia gelada
esperando a gente. B
Alba Christina

Sentado na praça
sem esperança de aumento.
Dia do Aposentado. C
Alba Christina

Com a caipirinha
aperitivo gostoso
as manjubas fritas. D
Alba Christina

De corda firme,
branco envolvendo amarelo;
um copo-de-leite.
Alba Christina

Gaiotas bailando,
na cabeceira do rio,
catam manjubinhas. B
Amália Marie Gerda

Idosos na praça,
no Dia do Aposentado.
Insatisfações! B
Amália Marie Gerda

Mistérios do mar
rolam na beira da praia...
Caramujos cantam.
Amália Marie Gerda

Almoço no clube.
É Dia do Aposentado.
Abraços e risos. C
Angélica Villela Santos

Prato de manjuba,
sobre a mesa decorada:
convivas em festa. A
Antonio Cabral

Lábios carmesins,
cravados na melancia:
fartura de caldo. C
Antonio Cabral

Na fila de tango
sobra gardel pé de valsa
Dia do Aposentado. D
Antonio Cabral

Enormes
melancias verdes no solo
sob o sol. D
Eduardo Zé

Aposentado
caminha no parque
lépido e alegre. D
Eduardo Zé

Oba tem manjuba
pescadores comemoram
sustento da casa. C
Honorina Fonseca Louseiro

Na fila dos velhos,
uma longa caminhada.
Dia do Aposentado. B
Manoel Fernandez

Manjubas pescadas
levadas para enlatar.
Vagão frigorífico. D
Manoel Fernandez

Cumprimenta o moço
os que se cruzam com ele.
Leva melancia. D
Manoel Fernandez

Chega o pessoal
de volta à casa da praia.
Porta aberta, mofo.
Manoel Fernandez

Em veludos brancos
envergou-se eretos os cálices
de copos-de-leite.
Manoel Fernandez

Casal saboreia
na barraquinha da praia
porção de manjubas.
Renata Paccola

Na frente do sítio,
plantação de melancias
atrai molecada.
Renata Paccola

Boate para idosos
no Dia do Aposentado.
Músicas antigas.
Renata Paccola

É hora do almoço.
Caramujos reunidos
em volta de um caule.
Renata Paccola

Pescador golpeia
e recolhe o molinete
Manjuba fígada. B
Roberto Resende Vilela

Encontro de amigos
no Dia do Aposentado.
Retorno ao tempo. B
Roberto Resende Vilela

Vaivem de crianças.
Fatiás de melancia
na mão e na boca. D
Roberto Resende Vilela

Suave perfume
vem na brisa matinal.
– um copo de leite.
Roberto Resende Vilela

O mar beija a praia
e lhe oferece presente
– simples caramujo.
Roberto Resende Vilela

PALAVRAS DE PAZ

Prem Rawat, Maharaji (Nome honorífico) – Trechos de palestras realizadas em várias partes do mundo! – www.palavrasdepaz.org.br Telefone 0300 100 3330

(conclusão)

O mundo não precisa de paz; seres humanos é que precisam. Eles querem a paz mundial. O mundo não precisa de paz; seres humanos é que precisam.

Nós, cada ser humano precisa de paz. E a paz mora no seu coração, não no campo de batalha. Acabar com a guerra não vai trazer a paz. Falo da paz que pode ser experimentada em pleno campo de batalha. Não seria a primeira vez. A paz interior é a paz verdadeira. Você não

tem que concordar comigo e não precisa discordar de mim. Não se trata de mim, trata-se de você.

Você sabe como olhar para dentro? Sabe como espisar por essa janela, enxergar lá dentro e encontrar Aquele que reside no coração de cada humano? Não estou aqui para dar mais definições. Não estou aqui para dar ideias, novas ideias. Veja, minha história é muito antiga. Foi contada há muito tempo. Você procura ideias novas? Não tenho nenhuma. Porque não é de ideias novas que você precisa.

Nem de fórmulas novas. Existe um monte de fórmulas novas por aí. Olhe para o mundo. Olhe só para este mundo. Olhe para o mundo de hoje. Existem mais pessoas instruídas na face da Terra hoje do que jamais houve. Há mais ricos na face da Terra hoje do que nunca. Há mais carros, mais estradas, mais aviões, mais aeroportos, mais gente na face da Terra do que nunca. E o resultado?

O resultado? Estão se matando. – e nem sabem mesmo por quê! Nem sabendo, na verdade, por que se matam. Mas se matam.

A economia? Existem mais economistas hoje em dia do que jamais houve, e a economia está um desastre. Existem mais médicos hoje do que nunca e há mais doentes daqui (*aponta a mente*) até aqui (*sentado, desse a mão pelo corpo*).

Em Israel, alguns anos atrás houve uma greve. Os hospitais fecharam. A mortalidade caiu (*risos*).

Não estou dizendo que a medicina é ruim, que aeroportos são tuins, que estradas, carros, aviões são ruins. O que digo é que muito daqui-

lo em que você confia e considera progresso, não produziu, na verdade, nenhum efeito significativo – para você, como ser humano.

O país pode se vangloriar: “Temos hoje trezentos aeroportos.” O país pode se vangloriar: “Temos hoje isso e aquilo, blá, blá, blá, blá, blá, blá.” Mas, e quanto a você? Onde está você nesse progresso? Você progrediu na sua vida, na sua busca de entrar e preencher a si mesmo? Não é disso que se trata? Não é disso que se trata? Não é esse o “x” da questão? Que o chame de plenitude, ou de contentamento, não importa, são apenas nomes, nomes para a mesma coisa – para a sua busca, seu querer seu desejo de estar pleno.

Entenda o que já foi dito, que – isso já foi dito – se você é rico, deveria ser humilde. Se é forte, deveria ser bondoso. Se é inteligente, deveria ser simples. É um lindo ditado.

Você pode invertê-lo (*pausa*). Pode. Se quer ser rico, todo o que tem a fazer é ser humilde. Se quer ser forte, todo o que tem a fazer é ser bondoso. E se quer ser inteligente – todos querem isso – tudo o que tem a fazer é tornar-se simples, e você terá outra coisa. Você quer se tornar inteligente? Torne-se simples. Com simplicidade, veja a necessidade que você tem.

O que faço? Vou e falo com as pessoas. Dou a elas esta mensagem. Primeiro, sim, é possível ter paz nesta vida. As pessoas pedem que Deus as abençoe (*indica a mente*). Já abençoou. Já abençoou você.

Enquanto esta respiração entrar e sair de você, a mão de Deus já está em sua cabeça. No dia em que essa mão se afastar, você não

vai mais respirar. Tudo de que você tanto se orgulha, com que tanto se preocupa, em um estalar de dedos, vai desaparecer. Eu falo da respiração e as pessoas não entendem do que estou falando.

Ouça. Quando você nasceu... Antes de você nascer, as pessoas queriam saber se seria menino ou menina. Seus pais, na verdade, sonhavam que você seria médico, advogado, que seria isso, que seria aquilo. Mas no momento exato que você nascia, eles só se preocupavam com uma coisa.

Sabe o que é? Se você respirava ou não. Porque no momento em que a criança nasce, todos, literalmente, prendem a respiração para ter certeza de que ela está respirando. E quando você está indo embora deste mundo, examinam seu eletro, ouvem seu coração, olham seus olhos e por fim, mas não menos importante, se certificam de que você não está respirando.

O que ofereço? Ofereço um guarda-chuva. Eu não afasto a chuva. Não se vai evitar a chuva. Vai chover.

Mas isso não é problema se você tem um guarda-chuva, porque quando começa a chover você pode abrir o guarda-chuva. Só tem um problema com a chuva. Sem o guarda-chuva, você fica molhado, e você não quer se molhar. Eu dou um guarda-chuva.

Removo os obstáculos para as pessoas? Não. O que dou a elas? Dou uma lâmparina para que possam ver e evitar o que querem evitar. É assim que funciona. É isso que você precisa. É isso que você precisa. As pessoas têm problemas, e eu digo a elas: “Esperem um pouco.” Quando tudo vai bem, é a mesma coisa. Não vai durar para sempre. Quando tudo vai

mal, é a mesma coisa. Não vai durar para sempre. Vai mudar, e mudar, mudar e mudar. Você não quer que mude. Você vive em um mundo onde tudo muda. Você vê as montanhas e diz: “Olhe essas montanhas. Elas não mudam.” Não é verdade, elas mudam também. É uma questão de perspectiva. Uma mosca, por exemplo. Algumas pessoas tentam matar a mosca. Ficam ali esperando a mosca pousar... A mosca consegue ver você. Ela vê você se aproximando. Na verdade, para a velocidade de visão da mosca, você está em câmera lenta. Sua velocidade de visão é tão lenta que é como se a mosca sumisse diante dos seus olhos. Você vai matá-la e ela já voou. Por quê?

Nenhum grande truque. Duas velocidades de visão diferentes. Existe essa coisinha chamada lesma, muito lenta. A lesma vê você? Não. Você é rápido demais. Só se você parar ela o verá. Com sua velocidade de visão, você não vê as montanhas mudarem. Mas a realidade é que estão mudando. Se você pudesse ver mudanças muito lentas, veria que até o Himalaia está se desmachando. Cada estação que a neve cai e derrete, mais terra se desprega, rochas se desfazem e desmoronam, mudando, mudando, mudando. Assim como a Terra, assim como o Sol, assim como a Lua, assim como todo o Universo. Mudando, mudando, e adorando mudar, e muda, muda, muda. E aqui está você.

Do que é feito este planeta? Você sabe? Pó. Do que você é feito? Pó. Lembra daquela mão sobre a sua cabeça? Agora o pó pode dançar. O pó pode falar, o pó pode pensar, o pó pode ver, pode escrever, pode ler, pode fazer coisas surpreen-

dentos. No dia em que essa mão se retirar, o pó voltará a ser pó. Então, o que esse pó realmente quer? O que ele realmente quer?

Esse pó tem a mais fantástica aspiração que poderia ter: sentir, sentir o infinito. Essa é ambição mais elevada. Nada se compara. Aqui, a mortalidade, a mortalidade quer se expandir, tocar e sentir o imortal. É inacreditável, mas é uma linda ambição. O que é que você quer? Paz é o que você quer? Céu na Terra – é isso que você quer? Me procure (*palmas*). E não digo que sou o único. Não. Procure. Procure. Procure onde quiser. Se encontrar, ótimo. Procure pelo mundo todo. E, se não encontrar, estou aqui (*palmas*). É simples assim. Simples assim. O importante é que você tenha paz em sua vida. Isso que é importante. Não importa como a água virá – se em copo de metal, em copo de vidro, em copo cromado, num recipiente de couro, em jarro de barro, de uma nascente, de um poço, de uma torneira. Não para o sedento. A relação do sedento não é com o copo, não é com a torneira, com o poço ou com a fonte. É com a água, e só com a água. Sua relação deveria ser com a necessidade que está dentro de você, não com as ideias. O copo cromado é só uma ideia. A fonte é só uma ideia. E, então, experimentar o céu na Terra (*palmas*). É isso. É isso. É isso. Não é preciso dizer mais nada. E espero que, seja lá o que você faça, ou não faça, ou decida não fazer, ou pensar, pensar, pensar, tenha uma ótima vida. Porque é a única que você tem. Não duas, não três, não quatro – uma. Uma. Apenas uma.

P A C I Ê N C I A

Fernando Veríssimo, OESP-Caderno 2, 08.03.15, página C10.

O que eu estou fazendo, pergunta você, jogando Paciência no computador em vez de trabalhando?

Sua pergunta inclui dois pressupostos enganosos. O primeiro é que Paciência seja um jogo. Não é. Um jogo seria um embate entre forças equivalentes: você e um ou mais adversários e suas respectivas habilidades, o acaso, a lei das probabilidades e a sorte de cada um. Na Paciência de computador, você pensa que está enfrentando você mesmo numa máquina pretensamente neutra, e não está. A máquina não é neutra. Foi programada para frustrar suas repetidas tentativas de derrotá-la – justamente para testar sua paciência – e, eventualmente, deixá-lo ganhar. Você não ganha porque acertou, ganha porque o computador, depois de humilhá-lo bastante, lhe concedeu prazer fugaz

de uma vitória. Computadores, apesar do que pensamos alguns, não têm alma. Mas se tivessem, seria maligna.

Outro engano é pensar que eu estou, vá lá, “jogando” Paciência “em vez de” trabalhando. A Paciência – é o que eu vivo me dizendo, para me justificar – faz parte do trabalho. Gosto de pensar que Paciência é uma maneira de ocupar a superfície do cérebro enquanto lá no porão, onde estão as caldeiras e o canteiro de ideias, o cérebro profundo produz sem ser distraído. O único problema com essa analogia é que muitas vezes a Paciência ocupa quase uma tarde inteira sem que o porão produza uma boa ideia sequer. De qualquer maneira, a Paciência substitui os rituais a que muitos escritores se dedicavam antes de começar a escrever, em tempos pré-eletrônicos. Paciência é a versão

moderna de afiar o cálcio e fazer rabiscos, à espera da inspiração.

Paciência também serve para pensar na vida, esse assunto inesgotável. Pela superfície do cérebro passa de tudo, enquanto perseguimos mais uma ilusão de vitória sobre o computador, dos buracos negros ao meio-campo do Internacional. Eu estava pensando em como o Paciência nos dá uma falsa ideia de que podemos controlar resultados que, na realidade, já estão programados na máquina e me lembrei de uma frase ótima, acho que do Bashevis Singer: o homem está condenado ao livre arbítrio. É uma frase que se contradiz, portanto uma verdade e uma mentira ao mesmo tempo. Estar condenado é não poder controlar seu destino, mas estar condenado ao livre arbítrio é estar condenado a escolher seu destino, o que também é assusta-

dor. Não temos a certeza de que o destino da nossa espécie está escrito nas estrelas, o que torna o livre-arbítrio um inferno solitário, uma condenação. Melhor acreditar que foi a maestría com que movimentamos as cartas eletrônicas na tela que nos deu a vitória sobre o computador, mesmo sabendo que não foi.

O que eu estou fazendo, jogando Paciência neste computador? Adiado o máximo possível a hora de parar e escrever esta crônica.

Troca. (Da série *Poesia numa Hora Dessas?!)*

Ô Cantareira
Cantareira...

Todos os carros do Eike
e toda fortuna de um sheik
por um banho de banheira!

Findou a paixão intensa;
o prazer deu-se ao cansaço...
E, entre nós, a indiferença
construiu o seu espaço.

Praça da minha cidade
onde hoje volto tristonho,
vim, nos rastros da saúde,
matar saudades de um sonho !...

Disfarcei sorrindo, triste,
cada lágrima caída...
Mensagem que tu não viste
no instante da despedida.

Tu chegas, só por instantes,
e as minhas mágoas contento:
se não há depois, nem antes,
vivo os instantes que tenho!

À espera dos teus carinhos,
junto a ti, quando me deito,
sinto o frio dos sozinhos
que dormem no mesmo leito!

Paguei tanto pelo engano,
pelo mito que criei,
pois foste apenas tirano,
e eu te escolhi por meu rei!

Tanta *mão boba* sobrando!...
querendo alguma emoção,
a velhinha, disfarçando,
foi pro meio do salão...

Debruçada na incerteza,
passei minha vida e, assim,
hoje vejo, com tristeza,
que a vida passou por mim...

Mágoas e perdas de amor
no meu ontem de fracassos
fazem mais doce o sabor
de meu hoje nos teus braços.

Voltas... Por teres voltado,
vejo o céu brilhando agora.
Se tenho um sol a meu lado,
que importa a chuva lá fora?

Tua mensagem não veio...
E eu, sem mágoa, sem revolta,
pondo a culpa no correio,
penso, ainda, em tua volta.

Que importa se o tempo avança
se, em meu refúgio tristonho,
mantenho acesa a esperança
na vigília do meu sonho!

Quando a fé nos acompanha,
nas escaladas da vida,
mesmo a mais alta montanha,
um dia, será vencida.

Ando pedindo socorro,
pois não suporto cobrança...
Se de uma dívida eu corro,
outra dívida me alcança...

Quando vens, criando atritos
minha calma te suplanta,
mas não sabes quantos gritos
eu sufoco na garganta!

Os tropeços das estradas
evito enfrentar sozinho:
a esperança, de mãos dadas,
me acompanha no caminho.

A *perua* se aprontou
e o marido, em ato falho,
ao vê-la, rindo, exclamou:
– Mas que bonito, espantoso!

Partiste... Fiquei perdida:
vi meu céu escurecer...
Sem o sol da minha vida,
sempre é noite em meu viver.

Voltaste... Mas a alegria
do teu regresso sonhado
não trouxe junto a magia
do nosso amor do passado.

Na caminhada sofrida
do viver, se me estristeço,
por magia, é a própria vida
que me indica o recomeço...

Até hoje pago o preço
por um deslize infeliz,
e, se tento o recomeço,
teu desprezo é o meu juiz...

Quando os reveses da sorte
me causam mágoas, cansaços,
tiro a máscara de forte
e vou chorar em teus braços.

Foi varrendo o companheiro
e do pó, escondido,
Depois, disse ao enfermeiro:
– Ali tem doído varrido!

Não replico nem me abalo
se me fazes uma ofensa...
Com altivez, eu me calo:
meu revide é a indiferença.

Agora que a idade avança,
relembro, em horas sofridas,
que as promessas da esperança
foram lindas... mas fingidas.

Teu sonho, com persistência
persegue, mas tem cuidado:
é preciso ter prudência
para não dar passo errado.

Tão calada e pensativa!
Mas, pelas chispas do olhar,
sei que a sogra vingativa
pensa em como me ferrar!

A sogra do Zé, coitada,
um bandido a seqüestrou.
Fala o Zé, dando risada:
– O bandido me vingou!

Diz São Pedro ao novo otário
que ao céu chegou assustado:
– Por que se escondeu no armário,
se o lugar é tão manjado?

Que pesado! A comida
no sítio do candidato
provocou uma corrida
dos eleitores... pro mato!

Vendo a vovó de maiô,
o netinho ficou mudo.
Mas, depois, disse ao vovô:
– Eta maiô barrigudo!!!

Este mundo está perdido:
a vizinha desconfia
que o cachorro do marido
gosta da gata da tia!

Dança a lambada empolgado...
Chega a mulher e o arrasa:
– Já que estás tão animado,
tu vais *dançar* é lá em casa!

Vendo o marido arranhado,
a mulher logo se espinha,
e ele diz, desajeitado:
– Foi a gata da vizinha!...

Vendeu o mar e o pescado,
num negócio do outro mundo!...
Foi cambalacho trocado:
recebeu cheque sem fundo!...

Na terra do cambalacho,
há sempre um jeitinho novo,
por lei ou simples despacho,
de dar o *cano* no povo...

– Eu quero amá-la, querida...
disse o gajo à balconista.
E ela, simples, distraída:
– Pegue a mala e pague à vista...

Mal entra em casa o geleiro,
a mulher faz-lhe um apelo,
gritando, lá do banheiro:
– Vem, meu bem... Esquece o gelo!...

Zé quis fugir ao flagrante
e a cena ficou gaiata:
fingiu ser um assaltante,
só... de camisa e gravata!



THEREZA COSTA VAL (Maria Therezinha da Costa Val Araújo),

filha de João Braz da Costa Val e D. Vicentina Martino Val, nasceu em Viçosa/MG em 22 de julho de 1933 e falecida em Belo Horizonte no dia 05 de agosto de 2014.